

## O corpo rude de Fernanda Magalhães: repensando a hegemonia da magreza.

The rude body of Fernanda Magalhães: rethinking the hegemony of slimness.

Júlia Almeida de Mello<sup>1</sup>

Resumo: O presente artigo apresenta uma aproximação de textos que trazem discussões acerca de gênero, identidade, corpo e poder com a prática artística de Fernanda Magalhães. A artista usa o corpo obeso para repensar os padrões de beleza aparentemente impostos pela mídia, cultura e sociedade, de uma maneira geral. Os textos utilizados para o debate são “El rudo museo de Louise Lawler”, de Rosalyn Deutsche, “Prácticas artísticas y política democrática en una era pospolítica”, de Chantal Mouffe, “Entrevista com Beatriz Preciado” por Jesús Carrillo e “Manifiesto Ciborgue”, de Donna Haraway. Os resultados permitem uma reflexão sobre a posição do corpo feminino obeso na atual sociedade alinhavada à subjetividade na arte.

Palavras-chave: Arte - Obesidade – Gênero – Identidade – Fernanda Magalhães.

*Abstract: This article presents an approach to texts that bring discussions about gender, identity, body and power with the artistic work of Fernanda Magalhães. The artist uses the obese body to reconsider the standards of beauty apparently imposed by the media, culture and society, in general. The texts used for the discussions are “El rudo museo de Louise Lawler”, by Rosalyn Deutsche, “Prácticas artísticas y política democrática en una era pospolítica”, by Chantal Mouffe, “Entrevista com Beatriz Preciado”, by Jesús Carrillo and “Manifiesto Ciborgue”, by Donna Haraway. The results allow us a reflection about the position of the obese female body in contemporary society basted in art subjectivity.*

Keywords: Art – Obesity – Gender – Identity – Fernanda Magalhães.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES, bolsista FAPES.

Possuidora de um corpo fora dos padrões instituídos de beleza, Fernanda Magalhães (1962-) utiliza a obesidade como forma de repensar os valores estéticos, de gênero, artísticos e culturais na contemporaneidade. Em seu documentário “Rotundus” (2005), se posiciona insatisfeita com a frequente associação do corpo gordo ao “diferente”, deslocado, que incomoda.

No período em que saiu de Londrina para estudar fotografia no Rio de Janeiro, na década de 1990, Fernanda passou a sentir-se desconfortável com sua estrutura física (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007). Lá notou um exagerado culto ao corpo que a angustiou e a fez questionar a sua corpulência (RIBEIRO, 2013).

Nesse momento, a artista inicia um caminho discursivo envolvendo corpo, gênero e identidade, que teve como primeiro embate a escolha<sup>2</sup> entre emagrecer e manter-se gorda. Aos poucos, como veremos, os embates foram se desenvolvendo para a defesa do “fora de forma” em detrimento da “boa forma”, o não aceite de imposições ao corpo feminino e de determinados discursos médicos que permeiam nossa sociedade, entre outras questões. Se esboçarmos uma esquematização do desenvolvimento do processo criativo da artista e a forma que seu corpo foi moldando seu trabalho, poderemos observar três momentos marcantes: (1) O sentimento de não aceite da sociedade sobre seu corpo obeso, resultando em uma fase de isolamento e exclusão, (2) um enfrentamento da artista, buscando uma homologação da sua forma corpórea e (3) a consolidação do papel de Fernanda como uma artista cujos trabalhos contribuem para “*la impugnación de la hegemonia dominante*” (MOUFFE, 2007, p. 67).

O primeiro momento (1) está diretamente relacionado com a estadia de Magalhães no Rio de Janeiro. Seus trabalhos expressam relações de poder e submissão, onde “ser magro” parece indicar uma “ordem” que ela não cumpre. Cabe abrir um parêntesis para considerarmos o que chamamos de ordem como sendo “[...] *la articulación temporal y*

---

<sup>2</sup> Segundo Mouffe (2007), as questões propriamente políticas sempre envolvem escolhas entre alternativas opostas, antagônicas.

*precária de prácticas contingentes*” e que resulta de práticas hegemônicas sedimentadas. “*Nunca es la manifestación de una objetividad más profunda y exterior a las prácticas que le dan su ser*” (MOUFFE, 2007, p. 62 e 63). Assim sendo, podemos inferir que onde há ordem há exclusão, se ser magro é a “lei”, ser gordo implica em isolamento.



Figura 1 – Fotografia da série “Auto Retrato no RJ”, Fernanda Magalhães, 1993. Acervo da artista. Fonte: A mulher gorda nua na fotografia: retratos e autorretratos de Fernanda Magalhães, 2012.

As séries “Auto Retrato no RJ” e “Auto Retrato, nus no RJ”, ambas de 1993 e criadas a partir de fotografias, mostram o início de uma pesquisa com o próprio corpo, onde podemos visualizar o sentimento de exclusão da artista, isto é, o “peso” de ser obesa. Na Figura 1 ela mostra-se encolhida em um quarto, isolada, com o corpo pouco revelado pelas vestes longas, sob um colchão, segurando um carrinho vazio. Ela parece se esconder e evita o confronto com a câmera fotográfica (RIBEIRO, 2013). A imagem sugere diversas interpretações, mas nosso foco visa considerar a possibilidade de uma aproximação da situação com o aprisionamento de um corpo que deseja ser libertado.



Figura 2 – Trabalho da série “Auto Retrato, nus no RJ, Fernanda Magalhães, 1993. Acervo da artista. Fonte: Caderno Espaço Feminino, 2007.

Na figura 2, o trabalho de Fernanda Magalhães inclui uma colagem com uma foto mostrando seus seios, coberta por lenços de papel que sugerem um véu indicando a dificuldade em expor e olhar o próprio corpo (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007). Em toda a série podemos observar elementos bastante subjetivos como imagens de partes íntimas de seu corpo veladas junto a colagens de fragmentos de documentos, cartas e passagens de ônibus.

De acordo com Mouffe (2007, p. 62), devemos reconhecer “[...] *el carácter hegemónico de todo tipo de orden social y el hecho de que toda sociedad sea el producto de una serie de prácticas encaminadas a establecer orden en un marco de contingencia*”. Dito isto, podemos inserir os trabalhos de Fernanda Magalhães como uma busca de repensar a hegemonia da magreza<sup>3</sup>, ou seja, como forma de reavaliar os discursos dominantes que

---

<sup>3</sup> Embora haja uma tentativa da mídia e de todo o sistema cultural em valorizar o que se tem chamado de “diversidade” (incluindo corpos “acima do peso”, com a criação de nichos *plus size*, por exemplo), notamos que o corpo identificado como “fora de forma” não figura como personagem principal e tampouco é tido como um exemplo a ser seguido.

versam sobre a aparência magra<sup>4</sup>, esbelta, com pouca gordura corporal, como sinônimo de saúde, glamour e beleza. Essa hegemonia pode ser aproximada ao conceito de *masculinismo* utilizado por Bhabha (1949-): uma indicação de uma “[...] *posición de poder autorizada por el hecho de que supuestamente se abarca y representa la totalidad social*” (BHABHA apud DEUTSCHE, 2006, p.1). E pode, portanto, ser aproximada dos enfoques idealistas que permeiam a arte. Se durante séculos tivemos na arte a ideia da obra como uma entidade completa e autônoma, capaz de elevar os espectadores acima da contingência da vida material (DEUTSCHE, 2006) temos a partir do final do século XIX<sup>5</sup> no corpo, a ideia da magreza como uma qualidade, ligada ao bem estar físico e mental, capaz de elevar o indivíduo ao status de “bem controlado”, “equilibrado”. Através dessa audaciosa analogia, podemos pensar na existência não somente da instituição estética, mas de uma “instituição do corpo magro” como sendo “[...] *un campo de batalla masculinista – un ámbito autoritario antes que democrático agonístico*” (DEUTSCHE, 2006, p.3). Não devemos, portanto, esquecer a influência que os padrões de corpos esculpidos na arte tiveram para a instituição da magreza e também para a supervalorização do gênero masculino. Lawler em “*Statue before Paint*” (1982) aponta a arte como instituição de reprodução das normas sexuais e veneração da cultura patriarcal (DEUTSCHE, 2006). “*La escultura neoclásica idealizada, sustituta de un cuerpo ideal, materializa la fantasía falocéntrica del yo [...]*” (DEUTSCHE, 2006, p.7). Se enxergarmos esse âmbito autoritário nas exigências de padrões do corpo, veremos a necessidade de considerarmos o papel da arte crítica indicado por Mouffe (2007), de dar voz aos silenciados, fomentando o dissenso, tornando visível o que o consenso deseja apagar, obscurecer.

Assim sendo, notaremos que há uma tentativa, a partir do segundo momento (2), de Fernanda Magalhães sair da zona de isolamento e mostrar-se como um “sujeito-corpo que resiste à normalização” buscando “pontos de fuga frente a códigos” que envolvem imagens e instituições (PRECIADO; CARRILLO, 2010, p. 55). Desta forma, a artista passa a ampliar seus questionamentos e exterioriza seu discurso. A série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”, iniciada em 1995, decorrente de um projeto homônimo

---

<sup>4</sup> Estendendo para “torneada”, tendo em vista a febre das academias e dos suplementos alimentares que prometem tônus muscular.

<sup>5</sup> Segundo Peter Stearns (2002), a partir de 1890 diversos fatores (medicina, moda, guerra) contribuíram para uma mudança no posicionamento da gordura, tornando-a mal vista pela sociedade ocidental. O autor utiliza o termo “*The turning point*” para designar tal mudança.

desenvolvido em 1993 é um exemplo. Nela Magalhães aborda a obesidade, questões de gênero e discursos médicos utilizando-se inclusive da ironia. É importante ressaltar que este artifício é uma “peça-chave” bastante utilizada na luta contra poderes instituídos. Para Mignon Nixon (1961-), em acordo com Freud (1856-1939), isso faz com que seja possível desafiar algo respeitável causando efeitos agradáveis (DEUTSCHE, 2006). Exemplos disso são os trabalhos de Virginia Woolf (1882-1941), os quais buscavam discutir as relações de gênero e autoridade das instituições, e de Louise Lawler (1946-), artista que critica as disposições e organizações de instituições artísticas associando a elementos como a cultura patriarcal. Haraway (2009) reforça o papel político da ironia considerando-a uma “estratégia retórica”.

Na tentativa de sair do isolamento, Magalhães passa a enfrentar as normas utilizando autorretratos, se apropriando de imagens, realizando colagens, ranhuras e manuscritos que resultam no que a artista chama de “fotografias contaminadas”.

A série possui alguns pontos em comum com as “ordenações” de Lawler que “[...] *muestran objetos artísticos en sus contextos de exhibición, llamando la atención sobre el aparato representacional de instituciones de arte específicas y, al mismo tiempo, sobre ‘el arte como institución’[...]*” (DEUTSCHE, 2006, p. 4). Lawler, nas décadas de 1970 e 1980, realizou diversos trabalhos em fotografia envolvendo as disposições de esculturas e pinturas figurativas em museus de arte. As “ordenações” de Fernanda (se nos apropriarmos do termo) mostram corpos tidos como fora do padrão em um contexto de contestação. Corpos organizados em trabalhos cujos títulos são dados sequencialmente (“Gorda 1”, “Gorda 2”, “Gorda 3”, até “Gorda 28”) afim de refletir a generalização da mulher gorda, vista muitas vezes apenas por sua corporeidade (RIBEIRO, 2013).



Figura 3 – “Gorda 13”, da série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia”, Fernanda Magalhães, 1995. Fonte: Caderno Espaço Feminino, 2007.

Em “Gorda 13” (Figura 3), temos a fotografia de uma mulher obesa nua retirada de uma revista pornográfica americana e uma mixagem de excertos textuais com uma foto 3x4 da artista sobre um fundo escuro (RIBEIRO, 2013). Em um dos papéis lemos o seguinte texto:

Quero que as mulheres magras e médias encarem a disforia de sua imagem corporal e se deem conta de que há um mundo de diferença entre suas experiências de mulheres que odeiam seus corpos e minha experiência de ser gorda. Todos os corpos femininos são odiados em nossa cultura, e isso não significa que todas as mulheres sejam gordas.

Esse trabalho revela uma extensão das discussões de Fernanda à questão do corpo feminino instituído e biologicamente imposto. Um corpo construído pelas linhas da teoria da evolução, do “moderno criacionismo cristão” que, para Haraway (2009, p. 41), “[...] deve ser combatido como uma forma de abuso sexual contra as crianças”. A rejeição do corpo feminino abordada em “Gorda 13” indica que não só as obesas, mas as magras e médias, precisam se dar conta de seu aprisionamento como mulher<sup>6</sup>. Parece-nos apropriado usar a frase de Deutsche (2007, p.10), desta vez sobre “*Birdcalls*” (1972/81) de Lawler, para resumir a intenção de Magalhães: “[...] *introducir tensión em sus dicotomias jerárquicas marcadas por el género[...]*”.

Um outro exemplo da série que torna marcante a utilização da ironia pela artista é “Gorda 22” (Figura 4):

---

<sup>6</sup> E se formos um pouco mais a fundo, devemos lembrar que Haraway (2009, p.47) considera “ser mulher” “[...] uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis”. Algo que nos foi imposto através de experiências capitalistas, patriarcais, coloniais.



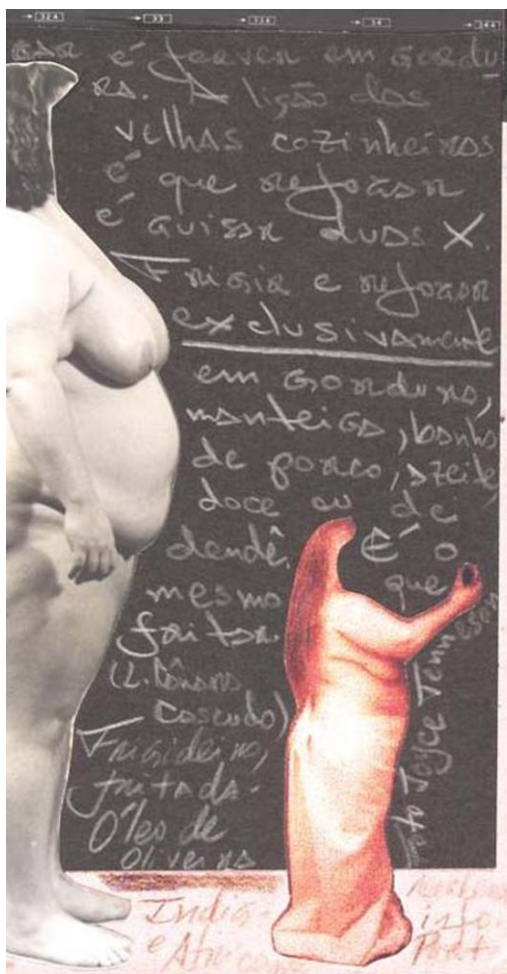


Figura 4 – “Gorda 22”, da série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia, Fernanda Magalhães, 1995. Fonte: Caderno Espaço Feminino, 2007.

Nele, Magalhães dispõe a fotografia de seu corpo à esquerda, em preto e branco e em maior escala e à direita a fotografia de uma mulher nua, apropriada de Joyce Tenneson. Os rostos recortados, excluídos do trabalho indicam uma anulação das identidades: os corpos podem ser de qualquer mulher. Junto às fotografias, é possível visualizar frases escritas em branco, como em um quadro: “‘Fazer suculento e farto’, ‘Os grandes representam fartura’, ‘A lição das velhas cozinheiras é que refogar é guisar duas X’, ‘Frigir e refogar exclusivamente em gordura, manteiga, banha de porco, azeite doce ou de dendê’” (TVARDOVSKAS; RAGO, 2007, p. 62). Com indício de humor, as frases que parecem saídas de livros de receitas, são recheadas de gorduras e alimentos comumente associados a quem é obeso.

A série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia” revela o resultado de processos de identificação da artista com o corpo gordo positivado. Assim, incluímos o

trabalho de Fernanda em um conjunto de práticas voltadas “[...] *a dar voz a todos los silenciados en el marco de la hegemonia existente*”, lembrando que “*desde luego, su objetivo no es el de hacer una ruptura total con el estado de cosas existente para crear algo absolutamente nuevo*” (MOUFFE, 2007, p.67-69), e sim, mostrar formas de repensar a hegemonia da magreza.

A luta da artista em defender seu corpo condiz com o *agonismo* de Mouffe (2007) que prevê um conflito entre “adversários” e não entre “inimigos”. Magalhães não busca extinguir a magreza, mas exigir um espaço livre (ou pelo menos mais distante) de críticas ao corpo gordo.

Se formos considerar o esboço feito acerca da esquematização do processo criativo da artista, podemos incluir seu projeto, “A Natureza da Vida”, iniciado em 2000 e ainda em desenvolvimento, no terceiro momento (3). Depois da série “A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia” Fernanda Magalhães passou a encarar, de forma aparentemente mais consistente, o seu papel crítico no campo artístico. Sua abordagem do corpo, das identidades e suas contestações sobre visões pré-estabelecidas tornaram-se mais claras. Ela passa a unir vozes dos “[...] que até agora haviam sido produzidos como objetos abjetos do saber médico, psiquiátrico, antropológico [...]”, que buscam um saber que questiona a hegemonia (PRECIADO; CARRILLO, 2010, p. 61). Convidando outros artista, Fernanda realiza com “A Natureza da Vida” performances em diferentes contextos e é fotografada e filmada no espaço público, “[...] *el campo de batalla en el que se enfrentan diferentes proyectos hegemônicos [...]*” (MOUFFE, 2007, p.64). De acordo com o seu blog “Fotografias e Anotações”, foram feitas mais de seis ações em 12 anos. Uma das ações, realizada em 2011, refere-se a um protesto contra a retirada das árvores do Bosque Central de Londrina.



Figura 5 – Performance no Bosque Central de Londrina, referente ao projeto “A Natureza da Vida”, Fernanda Magalhães, 2011. Fotografia: Graziela Dies. Fonte: Blog Fotografias e Anotações, 2012.

Magalhães utiliza seu corpo nu e obeso para ocupar esse ambiente devastado. Critica a posição do poder público que visava modificar a paisagem verde criando nessa área uma rua com circulação de veículos e com pontos de ônibus e ao mesmo tempo confronta normas vigentes. Mostra-se como um indivíduo (e um corpo) que não se conforma. Discute questões sobre o corpo, gênero, identidade e meio ambiente ameaçado (sentimentos de opressão) em uma única ação sem hierarquizá-los. O trabalho se assimila com as denúncias de exclusões, “[...] as falhas das representações e os efeitos de renaturalização de toda política de identidade”, feitas pelo movimento *queer* que “[...] podia ser um exemplo de um intenso questionamento dos discursos hegemônicos da cultura ocidental” (PRECIADO; CARRILLO, 2010, p. 51 e 58).

A figura 5 é uma das fotografias realizadas durante a ação que foi movida junto ao Grupo Ocupa Londrina e a ONG MAE Londrina e foi pendurada em um varal estendido em meio a manifestações com outros trabalhos de artistas incluídos. Foi conseguido o embargo da obra e o local foi transformado em área de preservação permanente (O CORPO, 2012).

A artista mostra, com este exemplo, que é possível transcender o corpo subjetivo e dar voz a uma coletividade. Como Lawler, ela busca advertir as pessoas sobre o perigo de se manter uma posição passiva frente às imposições do sistema (DEUTSCHE, 2006).

Concluindo, Fernanda Magalhães passou por diversos processos de aceitação e não aceitação de normas, corpos, identidades e realidades até adquirir uma postura “blasfêmica” que, como diz Haraway (p.35), “[...] nos protege da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade”. Intoxicou-se a si mesma antes de se apresentar como uma artista “molar”<sup>7</sup> que, unida a outros, passou a buscar uma potência para agir.

### Referências Bibliográficas

DEUTSCHE, Rosalyn. “El rudo museo de Louise Lawler” (2006). In: **Transversal**. Disponível em: <<http://eipcp.net/transversal/0106/deutsche/es>>. Acesso em 16 mai. 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org. e trad.), **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.33-118.

MAGALHÃES, Fernanda. **Corpo Re-construção Ação Ritual Performance**. 2008. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Artes da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Doutora em Artes, Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fotografias e Anotações**. 19 mai. 2012. Blog de Fernanda Magalhães construído com anotações pessoais desde 2005. Disponível: <<http://fermaga.blogspot.com.br/>>. Acesso em 25 jul. 2013.

MOUFFE, Chantal. Prácticas artísticas y política democrática en una era pospolítica.

**Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: MACBA/UAB, 2007. (cap. III).

<sup>7</sup> Termo utilizado por Preciado em entrevista concedida a Carrillo em 2010, onde “a molarização é uma condição da ação política coletiva, da produção de uma certa *puissance* (potência, mais que poder) *d’agir*” (p. 67).

O CORPO como protesto. **Zunái** – Revista de Poesia & Debate. Disponível em: <[http://www.revistazunai.com/materias\\_especiais/subversao\\_da\\_nudez/performance\\_fernanda.htm](http://www.revistazunai.com/materias_especiais/subversao_da_nudez/performance_fernanda.htm)>. Acesso: 25 jul. 2013.

PRECIADO, Beatriz; CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado, por Jesús Carrillo. In: **Poiésis**, Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte da UFF, Niterói, nº 15, agosto de 2010. Disponível em:

<[http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis15/Poesis\\_15\\_EntrevistaBeatriz.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis15/Poesis_15_EntrevistaBeatriz.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2013.

RIBEIRO, Vinícios. A mulher gorda nua na fotografia: retratos e autorretratos de Fernanda Magalhães. In: SEMINÁRIO EM ARTE E CULTURA VISUAL, 5., 2012, Goiânia. **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG/FAV, 2012.

\_\_\_\_\_. Engordurando a arte contemporânea: as imagens de Fernanda Magalhães. In: **Com Ciência**. Revista eletrônica de jornalismo científico. 10 fev. 2013.

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=85&id=1043>>.

Acesso em: 25 jul. 2013.

ROTUNDUS. Equipe: Fabiani Matos; Luciano Pascoal; Paula Kranz; Vinicius Aguiari; Vinicius Konchinski. Trilha sonora: Guto Caminhoto. Coordenação: Kiko Goifman. Realização:

Kinoarte, Londrina, 2005. Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=oDDknRfJBZU>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

STEARNS, Peter. **Fat History: Bodies and Beauty in the Modern West**. 2 ed. Nova York: NYU Press, 2002.

TVARDOVSKAS, Luana; RAGO, Luzia. Fernanda Magalhães: Arte, corpo e obesidade. In: **Caderno Espaço Feminino**, Revista do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Uberlândia, v. 17, nº1, jan./jul. 2007. Disponível em: <

<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/378>>. Acesso em: 24 jul. 2013.